

LÉIA MAGNÓLIA DE OLIVEIRA LEMOS

**GAVETA NOTÓRIA:**  
**autoconceito e identidade artística-docente**

Brasília  
2015

LÉIA MAGNÓLIA DE OLIVEIRA LEMOS

**GAVETA NOTÓRIA:  
autoconceito e identidade artística-docente**

Trabalho de conclusão de curso de Artes Plásticas, habilitação em Licenciatura, do departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.  
Orientadora: Profa. Dra. Denise Camargo.

Brasília  
2015



LÉIA MAGNÓLIA DE OLIVEIRA LEMOS

**GAVETA NOTÓRIA:  
autoconceito e identidade artística-docente**

Este trabalho de Conclusão de Curso foi julgado e aprovado para a obtenção do título de Licenciatura em Artes Plásticas no Curso de Graduação em Arte Plástica da Universidade de Brasília – UnB

Banca Examinadora

---

Profª. Dra. Denise Conceição Ferraz Camargo.

---

Prof. Me. Elder Rocha

---

Prof. Me. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à minha mãe, Noélia, a sua bela trajetória de vida, que me serviu como inspiração para desenvolver este trabalho; os momentos lúdicos que me proporcionava enquanto brincava comigo; as suas histórias, o seu amor e o seu cuidado.

Agradeço ao meu pai, Lemos, um ser humano incrível, o herói da minha vida, o seu exemplo, os seus ensinamentos sobre responsabilidade, caráter e integridade. Ainda, por pacientemente acreditar em mim e investir na minha educação, tornando possível o meu sonho de entrar na UnB.

Agradeço aos meus irmãos, Lenólia e Leonardo, que fazem parte desta aprendizagem cotidiana – de conviver com as mudanças da vida e continuar com o apoio mútuo, valorizando o que nos foi ensinado tempos atrás.

Agradeço à Têca sua total abnegação e amor de tia-madrinha-mãe.

Agradeço à minha orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Denise Camargo, toda dedicação, todo ensinamento e todos compartilhamentos voltados à minha orientação; a amizade, que é um grande presente do destino; as lições que se ampliaram para além da sala de aula e que forneceram o caminho norteador à realização da presente pesquisa.

Presto também o devido reconhecimento aos demais professores que me influenciaram durante o meu percurso como discente, principalmente Elder Rocha, Gê Orthof, Luiz Carlos e Luisa Günther. Foram e são referências positivas para as minhas escolhas e vivências nas artes plásticas. A todos os meus amigos que me entenderam e me apoiaram em um momento exclusivo de produção, especialmente Diego Xavier, Rod Sousa e Sayuri Kudo, que estiveram presentes e vivenciaram, de perto, essa etapa; os diálogos, a compreensão, as risadas e o carinho, que facilitaram o meu processo de criação, respeitando as minhas lágrimas e o meu mau humor.

Por fim, agradeço a todos que fizeram parte da minha caminhada e contribuíram para que eu chegasse até aqui. Serei eternamente grata.

**LÉIA MAGNÓLIA**

**GAVETA NOTÓRIA:  
autoconceito e identidade artística-docente**

BRASÍLIA 2015

## SUMÁRIO

LISTAS DE IMAGENS.....	03
DA GAVETA NOTÓRIA.....	05
I. MEMÓRIA PRESENTE.....	08
1.1. Artista-docente: busca pessoal como possibilidade de intervenção pedagógica...08	
1.2. Autoconceito no garimpo de coleções.....	16
1.3. Um divisor de águas.....	17
II. O PRESENTE AUSENTE.....	23
2.1. Coleciono ausências.....	23
2.2. Ao fotográfico, então.....	27
2.3. Encontro d'águas.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37

## LISTAS DE IMAGENS

Fig.1: Escrita automática 1, 2014. Léia Magnólia. Transcrição.....	8
Fig.2: Palavra-Rabisco-Fotografia, 2015, Colagem. Página de caderno pessoal.....	10
Fig.3: Rabisco, 2014, Página de caderno pessoal.....	11
Fig.4: Rabisco, 2015, Página de caderno pessoal.....	12
Fig.5: Escrita automática 2, 2014. Digitalização do texto original.....	18
Fig.6: Escrita automática 3, 2014. Transcrição.....	19
Fig.7: Guardo milagres inalcançados, 2014. (Frame do vídeo) Léia Magnólia.....	20
Fig.8: Guardo milagres inalcançados, 2014. Léia Magnólia.....	21
Fig.9: Guardo milagres inalcançados, 2014. Léia Magnólia.....	21
Fig.10: [Entre]linhas, 2015. Pintura 30x40cm. Léia Magnólia.....	24
Fig.11: [Entre]linhas, 2015. Pintura 30x40cm. Léia Magnólia.....	25
Fig.12: [Entre]linhas-Objetos,2015 - dimensões variadas. Léia Magnólia.....	26
Fig.13: <i>Vitrine de référence</i> , 1971. Christian Boltanski.....	28
Fig.14: Remontar memórias (processo), 2015. Digitalização de coleções. Léia Magnólia.....	29
Fig.15: Fotografia pessoal (processo), 2015. Léia Magnólia.....	30
Fig.16: Rabisco de botões I, 2015. Léia Magnólia.....	31
Fig.17: Fotografia pessoal (processo), 2015. Léia Magnólia.....	31

“Quero escrever-te como quem aprende. Fotografo cada instante. Aprofundo as palavras como se pintasse, mais do que um objeto, a sua sombra. Não quero perguntar por que, pode-se perguntar sempre por que e sempre continuar sem resposta: será que consigo me entregar ao expectante silêncio que se segue a uma pergunta sem resposta? Embora adivinhe que em algum lugar ou em algum tempo existe a grande resposta pra mim.

E depois saberei como pintar e escrever, depois da estranha mas íntima resposta.”

Clarice Lispector

## DA GAVETA NOTÓRIA

O pequeno gabinete que ficava em cima de uma penteadeira pertencia à minha mãe. Recordo-me dos móveis, das cores aconchegantes, texturas, da madeira sempre muito limpa e brilhosa, o cheiro de lustra móveis floral que se misturava aos objetos guardados na pequena gaveta: livrinhos, cartões, fotografias, orações, medalhinhas, terços. Entre os meus preferidos, um pequeno azulejo circular e uma garrafinha de perfume vazia.

Esse azulejo ficava sempre no cantinho da gaveta. Gostava de sentir sua textura lisa e sempre gélida, seu outro lado era mais poroso e perceptível e havia descolado de alguma parede. Imaginava de onde viera (não havia nenhum cômodo da casa com esse material). Da garrafinha de perfume, cujo rótulo foi desgastado pelo tempo, restou o vestígio do que era o seu cheiro. Foi algum presente antigo que ela fazia questão de preservar. Esses objetos não existem mais.

Minha mãe contava histórias da sua infância, da despedida do nordeste e das suas saudades. Sempre foi muito zelosa com as coisas, tudo muito limpo e organizado. Caixas, cestas, latinhas, eram utilizadas para guardar o que lhe era importante. Era muito criativa. Costurava nas horas vagas.

Eu, muito curiosa, gostava de observar e brincava próximo à máquina de costura, sentada no chão com uma velha lata de biscoito que servia para guardar botões. Enquanto minha mãe costurava eu fantasiava em um mundo cheio de pequenas e variadas possibilidades de cores e texturas.

Guardo a lata com esses botões, que diversas vezes foram como meus brinquedos. Gosto de colecionar objetos desde criança. E agora faço uso deles para [re]montar memórias que fizeram parte da minha infância.

Aqui está o ponto de partida para este trabalho, trabalhar com memórias que resultam no meu processo artístico, e, em consequência, em impactos para uma atuação em sala de aula, marcado pelas relações entre palavras, rabiscos e fotografias. Memória, aqui, é um paradoxo que me encanta mas entra em confronto comigo cotidianamente, como um presente ausente. Por isso me aproprio do registro fotográfico e de coleções pessoais, como uma tentativa de tornar materializada a ausência que me cerca.

Este trabalho explora minha própria identidade como artista, destaca formas de aliar a linguagem poética escrita ou visual ao registro de memórias, coleção de objetos e imagens, como ferramenta para a formulação de *autoconceito* em estudantes. Proponho um uso da imagem fotográfica associada ao uso da palavra, pensando em suas possibilidades interdisciplinares na cultura visual como um encontro acessível entre as práticas poéticas e educacionais.

Há também uma tentativa de responder a mim mesma as seguintes questões: Como posso me posicionar como artista-professora? Como história de família e aspectos da cultura se tornam ferramentas para as pesquisas artísticas, de criação e impacto para o artista que atua em ambiente escolar?

Tem como objetivos específicos, ainda, reconhecer a importância da fotografia como forma de registro e fenômeno cultural, promovendo o uso dessa linguagem como recurso pedagógico viável para trabalhar elementos como: autoconceito, comunicação e resgate histórico-cultural.

A partir de referências teóricas e do meu cotidiano, fui percebendo a forte influência que a fotografia tem em meu contexto acadêmico e fora dele. Mas seriam “apenas” fotografias? Como me aproprio de outras mídias que se tornam ferramentas fundamentais para minha produção artística? No uso de linguagens distintas que acabam se encontrando em algum momento, junto objetos, documentos, memória afetiva, como tentativa de traduzir inquietações.

Os resultados são pensamentos, repetições, escritas automáticas que venho realizando a partir de exercícios do método *Escrita Total* (criado pelo jornalista Edvaldo Pereira Lima) e propostos pela professora Denise Camargo, na disciplina *Oficina de Fotografia 2* que tive a oportunidade de cursar em 2014. Posso considerar que eles deram início à pesquisa artística que aqui apresento e que uso como base para o meu trabalho. Assim como os desenhos, que carinhosamente chamo de “rabiscos”, passei a fotografar minhas *coleções de coisas diversas*. Essas linguagens têm o mesmo funcionamento para mim, enquanto processo criativo.

Neste trabalho eles se organizam na *Gaveta notória*, uma poética que trata das possibilidades de criar com o que já se possui. São reconfigurações do que já existe. O trajeto é refeito como uma forma de tentar redescobrir e reinventar. Por meio da fotografia trago o percebido como aquilo que é lembrado.



“Cada coisa tem um instante em que ela é. Quero apossar-me do é da coisa. [...] E quero capturar o presente que pela sua própria natureza me é interdito: o presente me foge, a atualidade me escapa, a atualidade sou eu sempre no já.”

Clarice Lispector

## I. MEMÓRIA PRESENTE

### 1.1. Artista-docente: busca pessoal como possibilidade de intervenção pedagógica

[...] a escolha do suporte/linguagens.

*Papel que se apresenta tão delicado por sua transparência, traz lembrança da minha infância.*

*Dos cartões perfurados e boleados, criando texturas.*

*Texturas que dialogavam com os recortes modelados que após serem novamente calculados seriam agrupados para se tornarem peças estampadas.*

*Eram criações, sempre gostei de assistir à transformação das coisas.*

*Latinha de botões.*

*Ali existia um mundo mágico de cores e novamente texturas.*

*Embaixo da máquina de costura ou da mesa principal.*

*A mesma que se ampliava para desenhar os moldes, cantar os parabéns.*

*Objetos falam por si*

*Caderno de receitas.*

*Foi o que restou do sabor das delícias que cozinhava*

*Páginas amarelas rasgadas, algumas vazias (em branco).*

*Existem papéis soltos, recortes colados. Todos passo a passo.*

*O modo de fazer.*

*Fazer. Criar. Construir. Modelar. Receita.*

*Todas as anotações.*

*Tentativa de preservar as falhas de memória em anotações cheias de folhas.*

*Questão de minutos. Tudo se apaga tudo se acaba.*

*O tempo é assim às vezes se arrasta, mas é nos minutos somados que a ausência se instala. É inexplicável.*

*Ausência na vontade causada por uma agonia falada. Estampada.*

*Querer. Ser. São tão distintos. Estão no mesmo instinto.*

*Acho bonito, mesmo nessa confusão que não me pertence.*

*Sinais do que não há mais. Vestígios da fuga covarde. Fazem-se necessidade.*

*Belezas escondidas nos locais obscuros. Ninguém quer ver.*

*É bonito de ver o que se deseja acontecer. Mesmo que seja só para ver... Sem sentido.*

*Não é preciso.*

*Todo mundo sofre. O tempo passa. Escapa feita água nas mãos.*

**Fig. 01.** *Escrita automática 1*, 2014, Léia Magnólia. Transcrição.

Em 2014 uma aula de *Escrita automática* foi um divisor de águas em minha produção artística, pois essa técnica me fez perceber que as buscas pessoais poderiam se tornar objeto de pesquisa e produção artística. Assim, comecei a pensar nas influências do cotidiano como possibilidades para o fazer artístico e para o ensino das artes. Aqui, não penso apenas como estudante de artes plásticas, penso como artista-docente, pessoa curiosa, de mim, da minha trajetória, da minha própria história, do que me cerca e que me transforma e, portanto, do outro, o estudante que se encontrar em minhas mãos. Nesse sentido compartilho o que Serpa (2011, p.41) nos diz:

Sou uma contadora de histórias. Sou uma professora, sou uma pesquisadora. Sou também quem garimpa refugio em busca das pedras esquecidas e, para muitos, de menor valor. Sou também a artesã que tece os fios de muitas relações. Sou o caminho que me move, sou os laços que me prendem, sou tanto o futuro que desejo quanto o passado que se inscreve em mim. Todos estes “seres” constituem uma forma de ser e estar no/com o mundo.

Coleciono o que vivo. Me aproprio de acontecimentos e histórias do cotidiano e as coloco em meu gabinete. São histórias que mexem comigo, que me transformam. Penso nas ausências e nos locais vazios; em pessoas que para mim são importantes; na importância da universidade e sua representação; na saudade do meu nordeste; histórias, intervenções pedagógicas, informações que se apresentam como uma gama de possibilidades. Dentro de mim tudo se mistura como em uma gaveta complexa. Penso nisso constantemente, gosto de fantasiar com a viabilidade de tornar essas coleções de imaginários em obras concretas.

Guardo tudo o que me interessa e que os olhos colecionam, como cenas não fotografadas, mas possíveis: botões, objetos, post-its, fotos, pessoas, histórias, anotações, rabiscos, palavras. O resultado é uma coleção de “curiosidades” que, reunidas, se organizam como em uma fotografia sob a ação do instante. A palavra surge ao mesmo tempo e auxilia durante o processo de inquietude. O ato de escrever é transpor o que me move e o que me acompanha ao longo do processo. Colecionar vai além de juntar objetos. São escolhas diretamente ligadas ao meu cotidiano, portanto faço da minha história um ato de criação.

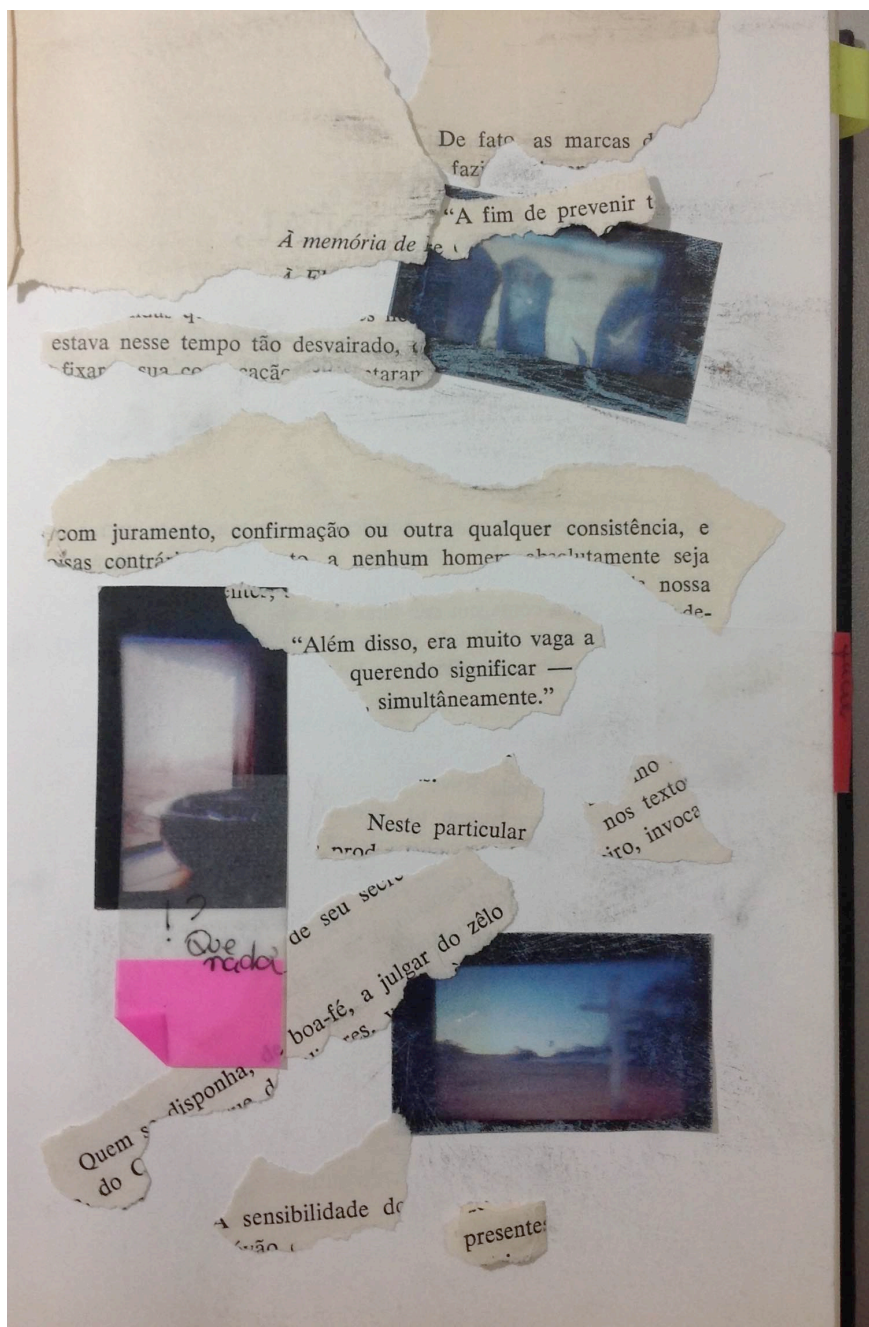


Fig.2 : Palavra-Rabisco-Fotografia, 2015, Colagem. Página de caderno pessoal.

Sempre tive dificuldade com disciplina e momentos que exigiam atenção, me distraio facilmente. Pensamentos vem e vão, com muita rapidez, isso dificulta manter as ideias em ordem, por isso gosto de fazer os rabiscos enquanto presto atenção. Percebi que ao fazer esses desenhos minha concentração aumenta.

Rabiscos funcionam como a escrita que surge de uma necessidade de “esvaziar” a cabeça. Quando estou muito desconcentrada ou cheia de informações sinto que preciso escrever, rabiscar, fotografar. Criar. Para mim essas ações funcionam do mesmo modo, traduzem pensamentos embaralhados, dispersos,

confusos, curiosos. Quando faço uma fotografia, escrevo. Escrevo e faço uma fotografia que não existe, está nas palavras, ideias, lembranças. O “rabisco”, compreendo, assim, como um espaço em que me entrego também ao devaneio, o que me proporciona uma reflexão durante os meus atos de criação.

Gustav Bally (1945, p.94) fala do jogo como instrumento, meio para uma melhor realização dos objetivos dos instintos, a fim de encontrar soluções momentâneas no caminho para eles. Esta ideia dele é interessante para pensar como coloco o processo da escrita para remontar o tempo e a memória. Rabisco quase que involuntariamente, como uma brincadeira libertadora de fantasias guardadas, engavetadas. E, desse ir e vir, surgem estímulos significativos que por meio do jogo de rabiscar (depois descobri que já rabiscava com botões desde a infância) criam instrumentos, caminhos para alcançar inquietudes e traduzi-las.



**Fig.3** : *Rabisco*, 2014, Página de caderno pessoal.



**Fig.4 :** *Rabisco*, 2015, Página de caderno pessoal.

Ao longo da minha formação aprendi a conviver com novas ideias e possibilidades acerca da arte. Numa tentativa de desconstruir engessamentos dos livros didáticos e dos preparatórios para o vestibular, do ensino mecânico, de teorias decoradas, do que até então me parecia uma verdade absoluta, fui conhecendo temas, estudos e novas abordagens pedagógicas que afetaram profundamente o meu processo artístico.

Minhas ferramentas de trabalho se dão entrelaçadas a quem sou. Minha trajetória, minha história, contexto cultural e social são grandes aliados das minhas criações. Passei a trabalhar com a ideia de autoconceito, a observar melhor o que é relevante nos meus dias, no meu histórico e a pensar no impacto que essas situações têm dentro do meu processo enquanto estudante-artista e futura docente.

O autoconceito diz respeito à imagem subjetiva que cada pessoa tem de si mesma e que passa a vida tentando manter e/ou melhorar. Ele é formado pelas crenças que a pessoa tem de si própria, sendo esta altamente influenciada pela percepção do que os outros pensam a seu respeito. Constitui um determinante da pessoa que somos; determina ainda o que pensamos a respeito de nós mesmos, o que fazemos e o que acreditamos que podemos fazer e alcançar.  
(ALENCAR; FLEITH, 2003, p.115)

E isso pode ser utilizado em sala de aula fornecendo aos estudantes possibilidades de ensino e criação, auxiliando-os a desenvolverem trabalhos artísticos com o que trazem dos seus próprios contextos históricos, culturais, tradições que se configuram individualmente. Para Alencar e Fleith (2003, p.96) vários fatores influenciam a criatividade, mas o aspecto histórico-cultural requer um destaque ímpar em seu papel. Isso quer dizer que: “É a interação entre esses múltiplos fatores que virá possibilitar a emergência e o reconhecimento da criação e número maior ou menor de produtos criativos”. Tendo em vista que a criatividade se forma a partir de influências pessoais e sociais, o que deve ser percebido no trabalho pedagógico da escola, diante de uma perspectiva educacional.

Desta maneira, essas autoras me auxiliam no direcionamento do meu processo criativo, para a construção de uma espécie de gabinete de curiosidades que, de forma mais ampla me permite compreender como atuar estando no lugar de artista-docente com toda a apropriação que faço, tanto de linguagens e meios, quanto das questões vividas, percebendo, segundo Alencar e Fleith (2003, p.99) “ [...] criatividade tanto um fenômeno social como de ordem intrapsíquica que requer, para ser compreendido em sua totalidade, uma abordagem interdisciplinar, histórica, ecológica, sistêmica, levando em conta as diferenças culturais e de gênero. ”

Mas tal pensamento na escola precisa romper o grande desafio que insiste estar presente no currículo escolar, a educação tradicional. Cabe aqui uma breve reflexão sobre currículo e seu papel na escola.

Para Silva (2003) o estudo do currículo percorre uma longa trajetória marcada por teorias tradicionais críticas e pós-críticas, mas para a presente discussão o currículo almejado é o desenvolvido nas teorias pós-críticas<sup>1</sup> por permitirem uma visão baseada na identidade cultural e social tornando-se um espaço de poder e de identidade na escola.

Porém, cabe ressaltar que dentre esses fatores pessoais, o autoconceito é importante para a criatividade e também é influenciado pelos indivíduos e pelo social. Reitera-se com isso o papel de destaque da escola na formação (ou no bloqueio) da criatividade. Assim, as pesquisadoras Alencar e Fleith (2003, p.150) destacam os seguintes pontos:

- Que o professor deve diversificar as atividades e trabalhar com uma diversidade de materiais;
- O professor deve promover a autoconfiança e o autoconceito no processo criativo;
- E que o processo criativo tem influência do contexto social, histórico e cultural.

E é seguindo estes pontos que sugiro o minha maneira de pensar o “fotográfico” entrelaçado a outras linguagens como uma forma de ação e produção criativa em sala de aula, que é um espaço propício para experiências que envolvam as vivências e as memórias.

A proposta seria, então, resgatar na lembrança do estudante momentos do seu cotidiano que se apresentam de forma significativas, que remetam a acontecimentos importantes na sua formação e de sua história, e que essa seja uma possibilidade de tornar sua memória como um ato fotográfico, tornando o processo criativo do sujeito a construção de uma memória social, coletiva e individual.

O que presenciei em sala de aula, como estudante de artes plásticas serviu para me nortear como artista e futura docente. Agora, fazendo este trabalho de conclusão de curso, levanto possíveis utilizações do que aprendi para que se prestem a intervenções pedagógicas viáveis em sala de aula, como afirma o documento Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Arte (1998, p.43):

---

<sup>1</sup> As teorias pós-críticas são definidas como aquelas que preconizam teorizar sobre a linguagem e o processo de significação e “ênfaticam a indeterminação e a incerteza também em questões de conhecimento”. Se dividem em currículo multiculturalista, pedagogia feminista, currículo étnico e racial e currículo – teoria queer. (SILVA, 2003, p. 123).



Sabe-se que, ao fazer e conhecer arte, o aluno percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo. Além disso, desenvolvem potencialidades (como percepção, observação, imaginação e sensibilidade) que podem contribuir para a consciência do seu lugar no mundo e para a compreensão de conteúdos das outras áreas do currículo.

Portanto a arte é uma ciência que possibilita a ampliação da sensibilidade, da percepção, da reflexão e da imaginação. Com ela também se favorece o estudo da diversidade humana e cultural. Nesta linha de pensamento, proponho uma busca pela construção de um saber artístico-pedagógico no qual se propicie o desenvolvimento do pensamento crítico e da percepção estética utilizando-se de diversas linguagens.

Aprender arte é desenvolver progressivamente um percurso de criação pessoal cultivado, ou seja, alimentado pelas interações significativas que o estudante realiza com aqueles que trazem informações pertinentes para o processo de aprendizagem, com fontes, informações e com seu próprio percurso criador.

Desta maneira, o artista-docente tem o poder de utilizar-se de seus próprios elementos como fomentadores de aspectos lúdicos e prazerosos na aprendizagem. Permitindo-se atuar e repensar a sua prática pedagógica e ser um pesquisador na busca de inovação de conhecimentos do ensino da arte criando um espaço de comunicação entre linguagens distintas. No percurso criador do estudante, ele também é mediador de articulação com a sensibilidade, criatividade, percepção e cognição. E é isso que vejo como possibilidade de alcançar estratégias pedagógicas viáveis e eficazes quando alio fotografias a rabiscos e à palavra como recursos de criação. O uso dessas ferramentas possíveis fará tanto mais sentido ao estudante quanto mais seus processos forem vivenciados e explorados.

Por isso faço deste trabalho também um espaço investigativo e de compartilhamento do que alcancei, a partir das minhas próprias experiências, como proposta para uma ação pedagógica como oportunidade ao estudante em crescimento crítico e criativo e por meio de suas próprias memórias de vivências pessoais. Desta maneira, ele poderá se tornar exigente e crítico com a própria produção, justamente por se tratar de permitir também um certo autoconhecimento. Nesse momento já poderá compará-la de modo mais sistemático à do currículo de produção social ao qual tem acesso.

## 1.2. Autoconceito no garimpo de coleções

A partir do meu processo e das questões sobre Educação surgidas no caminho da busca pessoal, procuro fazer um paralelo, resgatando das minhas vivências em processos e práticas que são comuns, como escrever e “rabiscar”, além de estabelecer uma ponte para uma proposta possível e aplicável em sala de aula. Para tanto reconheço o autoconceito que no meu processo foi importante, e o coloco aqui como ponto de partida.

Ainda no campo das relações que permeiam a arte e educação é necessário introduzir as questões do cotidiano que se correlacionam em diversos territórios, aqueles que são comuns a todos e que se relacionam ao autoconceito, ou seja, como em um processo de identificação seu próprio local, sua própria cultura, as questões sociais que envolvem seu ambiente, sua vida. Esses territórios tendem a se misturarem à diversas linguagens possíveis dentro da arte.

Joseph Beuys é um professor-artista pós-moderno que propõe em seus escritos, e na sua própria trajetória uma forma de ampliar o conceito de arte, distanciando-se de preconceitos e utilizando-se de todas as possibilidades e diversidades de materiais disponíveis no universo do cotidiano para a configuração de algumas de suas ideias.

Eu cheguei à conclusão que não há nenhum modo de fazer qualquer coisa pelo ser humano que não seja pela arte. E devido a isso é necessário um conceito educacional (...) meu conceito educacional refere-se ao fato de que todo ser humano é um ser criativo um ser livre.(...)(BEUYS, 1975, p.20)

Isso se amplia no sentido de que o artista se torna múltiplo. Em sua frase mais conhecida: “todo mundo é artista”, Beuys acredita no poder criativo da humanidade, o que implicava a rejeição às fronteiras e hierarquias impostas pela sociedade. Por ser professor e idealista tinha uma postura diante dos potenciais da arte.

Esta postura, portanto, configura uma mudança, principalmente do próprio artista-docente de se posicionar diante das questões sociais, desta forma, passa a representar questões mais profundas, de ser um mediador, além de expressar com a sua arte as questões individuais, mediar também as questões encontradas no contexto mais íntimo, voltado para o universo particular do estudante.

Desta forma e considerando essas possibilidades como artista-docente me coloco diante do questionamento e da busca pelo autoconceito e das linguagens por mim utilizadas que permitem uma reflexão entre elas e seu contexto de produção em âmbito escolar. Este aspecto me auxilia na forma como interpreto o mundo e nosso dia a dia. Pois, como ilustra Pereira (2014, p.8): “A arte cria sentidos para ler o cotidiano, apresenta maneiras de superar o comum e aprofundar-se nas ideias sobre o convívio social.”

E enquanto artista-docente preciso ter este pensamento como norteador do meu trabalho pedagógico, visando a escola como um espaço de criação. Tendo em vista que “os processos criativos em sala de aula são articulações entre saberes historicamente construídos dentro de determinada cultura.” (PEREIRA, 2014, p.11). Nesse processo o papel do artista-docente é fundamental porque as intervenções realizadas em sala com diálogos e trocas de experiências, investigação e reflexão auxiliam na construção do autoconceito.

### **1.3. Um divisor de águas**

Em 2014, o que seria um semestre nada promissor tornou-se um grande marco na minha trajetória. Tudo se iniciou em dias quentes e secos de setembro. O exercício da Escrita automática, cuja a proposta era trabalhar com a primeira ideia que viesse à cabeça, inicialmente me pareceu uma tarefa difícil, já que se tratava de um momento conflituoso que eu vivia.

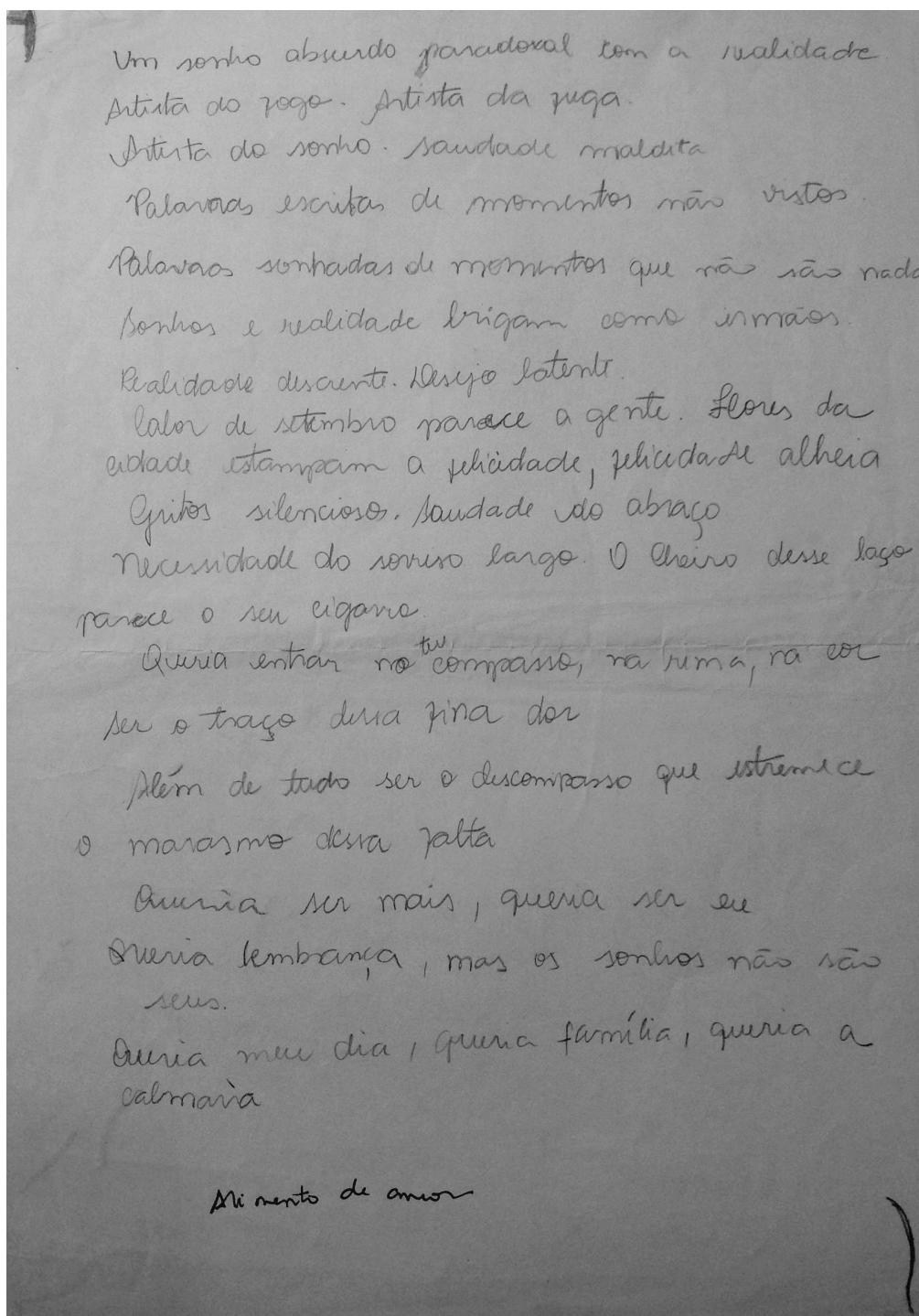
Pra começar, palavras soltas, aleatórias. Muitas palavras, durante alguns minutos marcados. Depois um texto, e não necessariamente que precisasse fazer sentido. As regras eram poucas e simples. Escrever. Isso, escrever o que vinha em minha cabeça. Sem pensar, sem corrigir, sem parar.

É entrar em outro mundo onde a imaginação se faz presente, um mundo que nos pertence e nem sempre é percebido.

Escrever. O resultado me assustou e encantou. Terminado o processo, o exercício era fazer uma fotografia sobre o texto produzido. Sinceramente, não me lembro qual fotografia levei como resultado final desse trabalho. Mas o papel amassado, rabiscado, escrito no automático eu guardei. Era o início de um novo e longo processo.

Ou seja, durante esse processo foi possível viver um momento muito íntimo, em um mundo particular, nas palavras de Bachelard (2009, p.8):

Um mundo se forma no nosso devaneio, um mundo que é o nosso mundo. E esse mundo sonhado ensina-nos possibilidades de engrandecimento de nosso ser nesse universo que é o nosso.



Um sonho absurdo paradoxal com a realidade.  
Artista do riso. Artista da ruína.  
Artista do sonho. Saudade maldita.  
Palavras escritas de momentos não vistos.  
Palavras sonhadas de momentos que não são nada.  
Sonhos e realidade brigam como irmãos.  
Realidade discente. Desejo latente.  
Labor de setembro parece a gente. Flores da  
cidade estampam a publicidade, publicidade alheia.  
Epítetos silenciosos. Saudade do abraço.  
Necessidade do sorriso largo. O cheiro desse lugar  
parece o seu cigarro.  
Queria entrar no <sup>teu</sup> compasso, na ruma, na cor  
ser o traço dessa fina dor.  
Além de tudo ser o descompasso que estremece  
o marasmo dessa falta.  
Queria ser mais, queria ser eu.  
Queria lembrança, mas os sonhos não são  
seus.  
Queria meu dia, queria família, queria a  
calmaria.  
Alimento de amor

Fig.5 : Escrita automática 2, 2014. Digitalização do texto original.

Algumas aulas depois uma nova proposta. Dessa vez deveria pensar em algo que não existia mais mas que gostaríamos de recuperar, tornar realidade. Pedi uma carta:

*(...) Carta – O divisor de águas*

*Quando eu tinha 18 anos, briguei com minha mãe.*

*Ela fez uma carta que falava sobre os seus sentimentos, lembranças e o que via em mim.*

*Falava da criança meiga e delicada que não existia mais e como ela não reconhecia mais a filha dela.*

*A carta era confusa, letras e ideias...*

*Ela deixou visível no meu quarto*

*Eu li.*

*E senti raiva, medo, angustia. Joguei-a no lixo.*

*Minha mãe já tinha iniciado seu novo momento.*

*O maldito Alzheimer já estava instalado na sua cabeça, por isso era confuso, angustiante...*

*Sua memória já estava desaparecendo e eu joguei seu cuidado e o registro do seu amor (por mais estranho que fosse) no lixo.*

*Queria reler essa carta, gostaria de reviver essas palavras, queria ser quem ela imaginou.*

**Fig.6** : *Escrita automática 3, 2014. Transcrição.*

O resultado disso foi um semestre com muitas emoções e sentimentos envolvidos, revirados. O que há muito tempo estava guardado, de repente, foi revelado em palavras nesse papel. Na minha mente via imagens como lembranças embaçadas, tentava traduzir ligeiramente o que estava oculto. Minhas lágrimas rolavam, ainda engasgadas, as palavras surgiam como cortes; pesadas, saíam como se me cobrassem algo a mais.

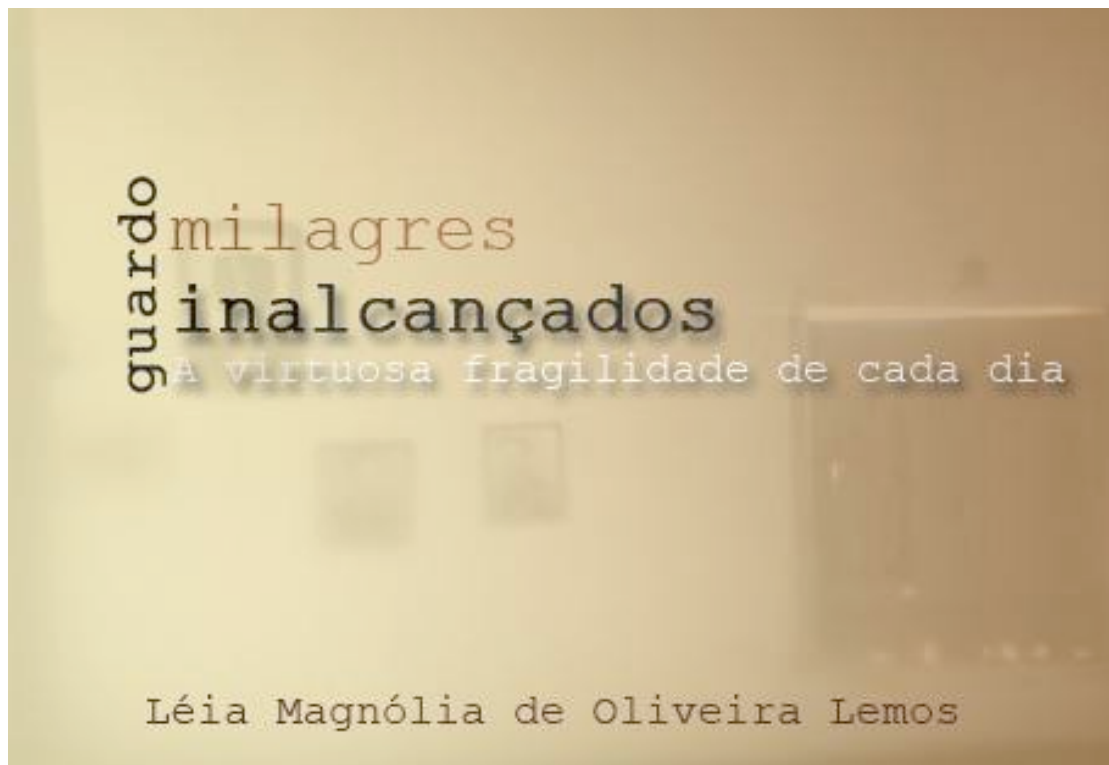
Feito isso, sensação de liberdade. Mas faltava alguma coisa. Então veio a proposta de tornar essa carta, esses sentimentos escritos no fotográfico. Foi a partir desse momento que me vi novamente apaixonada pela fotografia. Pela possibilidade de tornar o impossível em algo realizável com a arte.

Testes, choros, amores, flores. Aquele setembro se foi saudosamente como tantas imagens que carrego em mim, em minhas memórias. Essa busca resultou na série fotográfica “*Guardo milagres inalcançados – A virtuosa fragilidade de cada dia*”. A série deu também origem a um audiovisual.

A busca não teve fim foi apenas o início do que vejo como uma incrível intervenção que possibilitou tratar do meu cotidiano como artefato para minha produção artística.

Gosto das histórias contadas, lembradas. Do tempo em que eu nem era nascida, mas que de alguma forma influenciam no que[m] sou agora. Percebi como essas histórias estão presentes em minhas escolhas e gostos. Lembranças de família são culturas ensinadas que constroem essa pessoa curiosa, apropriadora e acumuladora que sou.

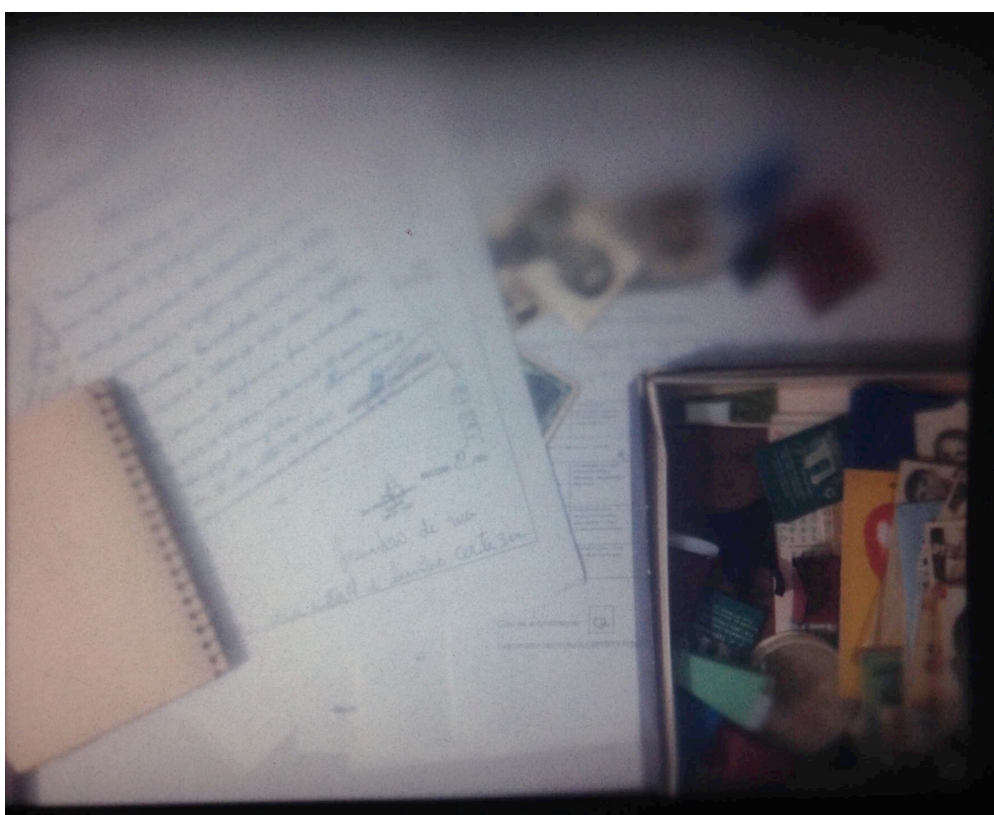
Buscas pessoais resultam em autoconceitos. O impacto disso é nítido enquanto processo artístico. Minhas raízes falam muito de mim e me interessa investigar, explorar esse universo como possível ferramenta fomentadora própria do artista e do artista-docente.



**Fig.7:** *Guardo milagres inalcançados*, 2014. (Frame do vídeo) Léia Magnólia.



**Fig.8:** *Guardo milagres inalcançados*, 2014. Léia Magnólia.



**Fig.9:** *Guardo milagres inalcançados*, 2014. Léia Magnólia.

“Muito assustadoramente  
Revirou gavetas, onde amor e letras  
Em fotografias é o que nos valia e nos aquecia.”  
Lucas Santtana



## II. O PRESENTE AUSENTE

### 2.1. Coleciono ausências

Meu trabalho é um autorretrato. Me reconheço nele e me identifico com ele, mesmo mesclada ao medo do invisível, de uma ausência permanente. As fotografias, os rabiscos e objetos são vestígios de mim e me fazem transparecer, registrar, me fazer presente como se o ato de colecionar minhas vivências, de guardar e de preservar conferissem força a minha própria identidade.

O fotográfico está na base das outras linguagens que utilizo. Com ele consigo capturar a essência das coisas que estão ao meu redor e que sempre influenciaram o meu fazer artístico. Assim, a arte da fotografia é percebida como um fenômeno cultural que possui um caráter contemporâneo e de própria constituição.

A fotografia, tradicionalmente, tem como proposta eternizar, ampliando as possibilidades do que chamo de traduções nostálgicas. Como nos diz Danto (2006 p.19): “Não há nenhuma limitação *a priori* de como as obras de arte devem parecer – elas podem assumir a aparência de qualquer coisa.” Logo, aproprio-me de textos, imagens, sonhos, momentos roubados, compartilhados.

Uso aqui a memória como metalinguagem que faz um diálogo entre o que já passou e o que existe, o que proponho é tornar o que possuo na memória, em uma imagem/objeto.

“Minha própria memória fotográfica – minha memória como fotografia e minha fotografia como memória – coloca-me numa espécie de instante vazio, num buraco do tempo.  
[...] recosturando de fora e depois o tempo cortado, isto é, fazendo dessa reconstituição uma ficção, um metafantasma.” Dubois (2012, p.164)

Foi dessa maneira que no primeiro semestre de 2015 nas disciplinas *Pintura 2* com Elder Rocha e *Ateliê 2* com Gê Orthof pude experimentar mais uma vez minhas coleções. Fiz a série *[Entre]linhas* na qual trabalhei com materiais distintos. Rabiscos se transformaram em pinturas que se dissolveram entre as tintas aguadas que surgiam durante devaneios e orientações. A mesma proposta da pintura gerou pequenos objetos.



**Fig.10 :** *[Entre]linhas*, 2015. Pintura 30x40cm. Léia Magnólia.



**Fig.11 :** *[Entre]linhas*, 2015. Pintura 30x40cm. Lélia Magnólia.

Coleciono como quem guarda antiguidades valiosas. Elas somem então as registro. Palavras somem como momentos. Quero rasurar, rabiscar, eternizar. Sinto paixão pelo desconhecido e saudade do que não foi sentido. Palavras se embaralham nos pensamentos. Os sonhos projetados me escapam feito água nas mãos. Imagens capturam a essência do que sinto, uma representação do que se deseja ter.



Para Le Goff (2013, p.428), memória deve ser entendida como um aspecto importante na realidade humana. Essa é percebida como um ato instável e maleável em busca de uma identidade. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.”

Está comprovado que apropriações de memórias alheias causam anseios, devaneios e rupturas de sono. Enquanto me aproprio dessas memórias, perco o sono, pois me insiro num contexto diferente, em outro universo de possibilidades. E a verdade é que sempre existe um fim ou uma inexistência no meio do nosso silêncio inventado. Sobre isso, Bachelard (2009, p.3) escreve: “A poesia é um dos destinos da palavra. Tentando sutilizar a tomada de consciência da linguagem ao nível dos poemas, chegamos à impressão de que tocamos o homem da palavra nova, de uma palavra que não se limita a exprimir ideias ou sensações, mas que tenta ter um futuro”.

Diante de tal realidade mesclo meus devaneios em minha pesquisa e novamente me encontro nas [entre]linhas, como uma expressão de memórias inacabadas.



**Fig.12:** *[Entre]linhas – Objetos*, 2015. Vidros, trechos de livros, linha, etc. Léia Magnólia.

Brinquedos, cartas, fotografias. Objetos, influências e vivências são utilizadas para compor as narrativas imagéticas, afinal: “As narrativas contam de nós, dos outros, para nós, para os outros. Elas versam e reverterem mundos juntam coisas e gente, planos e descartes, juízos e amores, imagens e imaginação, enganos e suposições.” (MARTINS; TOURINHO, 2009, p.11). Meu processo criativo está diretamente ligado ao afetivo, a cotidianos, temas ordinários, passam a ser uma forma de transportar emoções que podem ser transformadas em poéticas. Segundo Coli (2006) o artista como agente criador deve ter autonomia para defender seu trabalho, além da escolha de tema e materiais utilizados que são selecionados para compor sua obra por motivos específicos.

## **2.2. Ao fotográfico, então**

A fotografia não é apenas um registro, ela é uma extensão do meu corpo e dos meus pensamentos, são traduções imagéticas do que sou (objeto investigativo). O ato de fotografar vai além de transmitir um olhar em imagem que, muitas vezes, passa despercebido. Diferente da fotografia “usual” essa fotografia íntima, ordinária vai além do registro familiar, é uma fotografia que busca a essência do que escapa, do que esgota. Aqui o ato de fotografar minhas coleções é tentar torná-las possíveis. É o subjetivo transmutado em palpável.

Percebi como minhas coleções são bem pessoais e falam muito sobre o que tanto desejo traduzir. Como referência, posso citar o trabalho de Christian Boltanski, *Vitrine de référence (1971)*, feito com materiais variados, fotografias, colagens, objetos, que são coleções obsessivas do artista, e que transmitem, além de imagens, uma reconfiguração do tempo que fica marcado na junção de materiais distintos.

A mim importa registrar a manutenção de tempos efêmeros e tornar fotográficos os questionamentos que me cercam, fotografar o que já não existe mais. François Soulages (2010) demonstra que a fotografia não só reúne todas as artes, mas principalmente as integra em si, alimentando-se delas: nada pode escapar às fotografias, ou seja, para a fotografia não há impossibilidade.







Fig.14: Remontar memórias (processo), 2015. Digitalização de coleções. Léia Magnólia.



**Fig.15:** Fotografia pessoal (processo), 2015. Léia Magnólia.

Era assim, sentada no chão que eu entrava em um mundo mágico, de cores e texturas, onde objetos de costura tornavam-se brinquedos que me levavam à imaginação sem limites. Enquanto minha mãe fazia suas costuras eu brincava de criar. Talvez seja daí que eu comecei a “rabiscar”, entre latinhas com botões, cheirinho de madeira da máquina de costura, a luz do dia entrando pela porta dos fundos da casa.





**Fig.16:** *Rabisco de botões I*, 2015. Léia Magnólia.



**Fig.17:** *Fotografia pessoal (processo)*, 2015. Léia Magnólia.

A partir da observação desse processo penso que o presente se faz ausente no anseio de se tornar memorável. Por se tratar de memória não implica necessariamente ser o que já passou. O que acontece no agora, irá, obrigatoriamente, no próximo segundo se tornar passado. Esse cotidiano é tão banal que frequentemente fica despercebido talvez pela urgência de ver.

Nós percebemos, lembramos nossas experiências, fazemos julgamentos e agimos - mas em todas essas atitudes somos influenciados por fatores dos quais não temos consciência. A verdade é que nossa mente inconsciente está ativa, é independente está ativa, é independente e tem um propósito. Essa mente pode estar oculta, mas seus efeitos são muito visíveis, pois têm um papel crítico na formação da maneira como nossa mente consciente vivencia e responde ao mundo.” (MLODINOW, 2014. p.42)

Surge um desejo de permanecer. Construções de linhas e manchas, palavras e memórias em momentos de concentração e devaneios. As imagens se apresentam a partir de um fazer intuitivo, se constroem quase que automaticamente.

Como textos rabiscados, vinculados a momentos de fruição, uso esse desejo para elaborar escritas, rabiscos, fotografia, dar notoriedade a objetos. Gosto de criar, transformar, imaginar memórias. Faço isso com os objetos que coleciono, nas palavras de Belting (2002 p.24) “As imagens da recordação e da fantasia surgem no nosso corpo como se este fosse um suporte vivo.”

Faço dessas coleções uma memória viva, na gaveta com a imagem remontada, com antigas fotografias unidas a pequenos objetos se apresentam de maneira confusa. É foto, mas é objeto. É foto e objeto, não são distintos. Unidos, são minhas formas de representar.

### **2.3. Encontro d'águas**

Nessa perspectiva da minha história como ato de criação, como torná-la viável em aspecto educacional dando norte a novas abordagens pedagógicas?

Assim, cabe dizer que, em educação, uns dos principais objetivos a serem alcançados é a aprendizagem significativa<sup>2</sup>. E para tal, como afirma Antunes (2011), é fundamental ao professor criar mecanismos a fim de conquistar a atenção dos alunos e, com isso, a aprendizagem.

Dessa maneira, o resgate do autoconhecimento e da memória pode ser um grande aliado educacional, tendo em vista que esses dois aspectos possibilitam uma gama de propostas educacionais como:

- Resgatar a própria história com objetos, fotos ou outros registros;
- Fazer uso da escrita automática;

---

<sup>2</sup> Aprendizagem significativa “é um processo interativo de construção e reconstrução interior a partir da comparação entre o novo com o saber construído e reconstruído pela própria pessoa.” (ANTUNES, 2011. p.21)

- Proporcionar a utilização de diversos materiais e suportes;
- Exercitar processos de associação;
- Trocar experiências entre os alunos;
- Sugerir anotações dos apontamentos e das associações;
- Expor os trabalhos produzidos.

Portanto, cabe ao artista-docente criar, na escola, espaços de saberes do autoconhecimento para que ocorra a aprendizagem significativa.

“O devaneio “poetiza” o sonhador.”  
Gaston Bachelard

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aquela menininha da *Carta* não existe mais. A garota de 18 anos também não.

Agora é o início de uma nova etapa, quando me vejo frente a frente com estas palavras. E o que apresento como conclusão dessa pesquisa é o que resultou de um amálgama.

A latinha de botões era um mundo colorido, cheio de possibilidades. Fotografo do ponto de vista de uma criança de 5 anos. Me desloco no tempo quando volto a me inserir no momento de refazer o que antes era uma simples brincadeira.

Gostava das texturas, tonalidades e seus formatos divertidos. Agora me insiro com olhar de uma artista que busca além de transpor um objeto em imagem fotográfica, um resultado pautado por desejo de tornar realizável o que não é possível. Remonto o tempo/espço em imagem construída a partir da brincadeira de juntar, sobrepor, reunir coleções na mesa digitalizadora, e como resultado tenho uma nova imagem de repetições reconfiguradas.

Iniciei um processo em que a fotografia remonta um tempo/espço. Fotografo o que passou para tornar possível o que não pode mais ser visto/vivido. Desta forma, pensando no processo de busca pelas minhas próprias reconstruções, em como torná-las possíveis, juntei textos, rabiscos e fotografias num mesmo processo e, na investigação das minhas próprias inquietações artísticas creio poder realizar intervenções pedagógicas.

A proposta do trabalho *Gaveta Notória* teve como objetivo traçar essa trajetória do meu processo artístico que se constitui na construção de autoconceito e identidade artística instalada em um pequeno gabinete de curiosidades que se apropria do uso da palavra, do rabisco, da fotografia e de coleções de objetos ordinários. Com esse trabalho foi possível dar continuidade a um estudo poético que me leva a pensar em perspectivas pedagógicas.

E para isso, contei com concepções teóricas sobre memória, fotografia, autoconceito, currículo e cultura construindo um embasamento teórico o qual permite também a minha formação enquanto artista-docente. Formação essa que enxerga na fotografia um recurso pedagógico viável para ampliar a prática e o pensamento criativo de estudantes.

A partir da minha trajetória no curso de artes plásticas percebi como o fazer artístico é subjetivo. Subjetividade é própria da arte. Percepções e interpretações estão

longe do controle do artista, não há como limitar possibilidades, que são infinitas, dentro das artes e, em consequência, dentro de uma sala de aula.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, Eunice Soriano de e FLEITH, Denise de Souza. **Criatividade: múltiplas perspectivas**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2003, 2009 (reimpressão).
- ANTUNES, Celso. **A atenção: saldo ou déficit?** Ed. Vozes. Petrópolis. RJ: Vozes. 2011 - Fascículo 19.
- ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- \_\_\_\_\_. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BALLY, Gustav. **El juego como expresión de libertad**. Fondo de Cultura Económica. México. 1945. Tradução nossa.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Portugal: Edições 70, 1980.
- BELTING, Hans. **Antropologia da Imagem: Para uma ciência da imagem**. Trad. Artur Morão. Rio de Janeiro: Imago, 2014.
- BEUYS, Joseph. **A revolução somos nós**. In: FERREIRA, Glória e CONTRIM, Cecília (orgs.). *Escritos de Artistas – Anos 60/70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- CATENACCI, Vivian. **Cultura popular: entre a tradição e a transformação**. *São Paulo em perspectiva*. 2001, vol.15, n.2, pp. 28-35.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros. **Cultura populares: Múltiplas leituras**. Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares. São Paulo: Instituto Pólis; Brasília: Ministério da Cultura, 2005.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: 1. Arte de fazer**. 21ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2014
- COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- DANTO, Arthur C. **Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história**. Trad. Saulo Krieger. São Paulo : Odysseus Editora, 2006.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- FLORES, Laura González. **Fotografia e pintura: Dois meios diferentes?**. Tradução de Danilo Vilela Bandeira. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- LE GOFF, Jacques. **História & Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.
- MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs.) **Educação da Cultura Visual: Narrativas de ensino e pesquisa**. Santa Maria: Ed.UFSM, 2009.

MLODINOW, Leonard 1954 – **Subliminar: como inconsciente influencia nossas vidas**/ Leonard Mlodinow; trad. Cláudio Carina. – 1 ed – Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

PEREIRA, Katia Helena. **Como usar artes visuais na sala de aula**. 2. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. – 2.ed., 5ª reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia: Perda e permanência**. Trad. Iraci D. Poleti e Regina Salgado Campos. São Paulo: Editora Senac, 2010.

WASSERMAN, Nadine, Pittsburg – City Paper, Pittsburg, 2013. Disponível em: <<http://www.pghcitypaper.com/pittsburgh/clayton-days-revisited-is-a-nice-idea-and-a-lost-opportunity/Content?oid=1690900> > Acesso em: 20 de novembro de 2015.

WAY, Mike, Pittsburg Magazine, Pittsburg, 2013. Disponível em: <<http://www.pittsburghmagazine.com/Pittsburgh-Magazine/July-2013/The-Frick-Goes-Back-in-Time/>> Acesso em: 20 de novembro de 2015.